

TUTANKHAMON EM PORTUGAL. RELATOS NA IMPRENSA PORTUGUESA (1922-1939): UM CONTRIBUTO PARA OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO DO ANTIGO EGITO

José das Candeias Sales¹

Susana Mota²

Resumo

Em qualquer ciência ou área de saber, a definição conceptual, nocional e terminológica é essencial para o entendimento das problemáticas em estudo e para a comunicação dos respectivos resultados de investigação. Tal é também, obviamente, válido para a área da recepção do antigo Egipto.

O objectivo principal deste texto é analisar, definir e organizar o conjunto de conceitos, nocões e termos existentes no âmbito dos estudos de recepção do antigo Egipto, designadamente Egiptomania, Egiptofilia, Renascimento Egípcio, Tutmania, Mumiamania e Amarniamania. Paralelamente, a partir do nosso Projecto de Investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, pretendemos demonstrar como a imprensa, neste caso do início do século XX, constituiu uma manifestação e um agente activo de recepção do antigo Egipto em Portugal.

Palavras-chave

Recepção do antigo Egipto; terminologia; Egiptomania; Tutankhamon; Imprensa Portuguesa.

¹ Professor Associado com Agregação, Universidade Aberta; Universidade Nova de Lisboa.

² Doutora, Pesquisadora, Universidade Nova de Lisboa.

Abstract

In any science or field of knowledge, the conceptual and terminological definition is essential for understanding the issues under study and for communicating the related research results. This, of course, also applies to the field of reception of ancient Egypt.

The main goal of this text is to analyse, define and organise the set of concepts, notions and terms existing within the reception studies of ancient Egypt, namely Egyptomania, Egyptophilia, Egyptian Revival, Tutmania, Mummymania and Amarnamania. At the same time, resorting to our Research Project *Tutankhamun in Portugal. Reports in the Portuguese press (1922-1939)*, we intend to demonstrate how the press, in this case of the early 20th century, constitutes simultaneously a manifestation and an agent of the reception of ancient Egypt in Portugal.

Keywords

Reception of ancient Egypt; Terminology; Egyptomania; Tutankhamun; Portuguese Press

Introdução

Não é exagero afirmar-se que há vários séculos que a civilização do antigo Egipto capta a atenção e a imaginação de estudiosos (mais dedicados ou mais diletantes) e do público em geral. Em consequência, a recepção do Egipto antigo ao longo dos tempos, em várias dimensões (arte, literatura, exposições, teatro, cinema, media, etc.), tem sido muito extensiva, para o que muito contribuíram a monumentalidade e durabilidade dos antigos edifícios egípcios, a distinta iconografia e marcada codificação visual e estética das suas mensagens e a forte e quase omnipresente noção de espiritualidade-imortalidade a elas associada.

Nem sempre, todavia, os trilhos da apropriação dos modelos existenciais egípcios foram os mais correctos, do ponto de vista científico, e, por isso, coexistem no estudo e na apreensão do Egipto antigo visões mais rigorosas, formais e académicas e outras mais criativas, fixadas sobretudo nos elementos exóticos, simbólicos e esotéricos.

No entanto, em termos de investigação de base cultural ou, se quisermos, na investigação egiptológica, todos esses aspectos e contributos devem ser incluídos e ponderados, pois assim o exige o fenómeno imbricado do estudo do passado *per se* e das imagens e configurações que desse passado e do seu uso se foram construindo e transmitindo. Aqui entram, naturalmente, os estudos da recepção do Egipto antigo e dos fenómenos culturais agregados, desenvolvidos ao longo dos tempos, em vários contextos, sob múltiplos pretextos e motivações.

O impacto da recepção do Egipto antigo permanece, não obstante, um desafio importante para os Egiptólogos e para os especialistas em recepção. Seja porque a tradição da recepção da civilização egípcia é muito antiga, uma vez que cronologicamente remonta à Antiguidade, seja porque abrange diversificadas vertentes, dos estilos artísticos aos cultos religiosos, há necessidade de estabelecer algumas premissas conceptuais que permitam estabelecer uma comunicação eficaz entre os estudiosos.

Neste sentido, o objectivo principal deste texto é analisar, definir e organizar o conjunto de conceitos, noções e termos existentes no âmbito dos estudos de recepção do antigo Egipto, designadamente Egiptomania, Egiptofilia, Renascimento Egípcio, Tutmania, Mumiamania e Amarnamania. Paralelamente, a partir do nosso Projecto de Investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, pretendemos demonstrar como a imprensa, neste caso do início do século

XX, constituiu uma manifestação e um agente activo de recepção do antigo Egipto em Portugal.

Recepção ou recepções do antigo Egipto: um enquadramento teórico

A recepção, enquanto área de estudo particularmente votada à percepção e análise do mundo antigo, constituiu-se, desenvolveu-se e foi conceptualizada nas últimas décadas tendo como objecto central e primordial de trabalho a literatura e crítica literária das culturas clássicas grega e romana (Hardwick, 2003: 2; Martindale, 1999: 1294; 2007: 298; Squire, 2015: 638-9). Como Hardwick e Stray (2008: 1) afirmam: “Por ‘recepções’ queremos dizer a forma como o material grego e romano foi transmitido, traduzido, extraído, interpretado, re-escrito, re-imaginado e representado.”

Não cabe na economia deste texto uma exploração aprofundada desta questão. Consideramos, no entanto, relevante a percepção de que, regra geral, uma referência aos estudos de recepção, qual sub-área dos estudos clássicos, remete para trabalhos sobre a forma como os textos clássicos foram recebidos ao longo dos tempos, ou seja, trata-se de recepção dos clássicos, deixando de fora outras culturas, cronologias e geografias (Vargas, 2019: 754).

Pese embora este ponto de partida tão bem definido e delimitado, a verdade é que, actualmente, os Estudos de Recepção têm já uma abrangência muito mais ampla, multifacetada e inclusiva. Ao longo do tempo, esta área de estudo, inicialmente apenas de recorte literário, alargou-se, diversificou-se, fragmentou-se, abriu-se a outras fontes e abordagens e até a variadas problematizações epistemológicas (Brockliss et al, 2012: 1; Hardwick, 2003: 1-2; Moser, 2015: 1266; Squire, 2015: 637-8). Falar de recepção não pode já, por isso, ser entendido da forma tradicional. Neste sentido, a posição de Moser³ (2015: 1265) é para nós um referente de problematização: “Desde sua introdução na teoria literária, muitas disciplinas criaram suas próprias versões de análise de recepção para abordar como 'textos' (incluindo objetos materiais) são recebidos e como o

³ Devemos destacar aqui o contributo dos trabalhos de Stephanie Moser para a clarificação da recepção do antigo Egipto. A Autora, que trabalha concretamente sobre recepção e representação arqueológica, foca os seus estudos sobre o antigo Egipto e tem ajudado a estabelecer os parâmetros da área que aqui nos ocupa.

envolvimento com essas fontes desempenha um papel na geração de conhecimento.”

Neste texto, o nosso enfoque recai sobre os estudos de recepção do antigo Egito, emergente campo de estudo que só no final do século XX/ início do século XXI passou a granjear alguma atenção por parte dos estudiosos, começando por traçar um breve enquadramento teórico de uma área de investigação que, embora já com uma grande diversidade de artigos e livros⁴, nos parece ainda pouco clara – até ambígua – no que respeita essencialmente ao domínio dos conceitos, das noções e da terminologia. Tal como Moser (2015: 1279) afirma: “É essencial abordar a questão da terminologia que se aplica à recepção do Egito antigo, porque muitos termos diferentes são usados para descrever o assunto, e há pouco consenso sobre os tipos de recepções incluídas.”

De facto, recorrendo à lógica conceptual de Hardwick e Stray (2008: 1) antes citada, a verdade é que quando queremos estudar a forma como o antigo Egito foi, ao longo do tempo, transmitido, traduzido, extraído, interpretado, re-escrito, re-imaginado e representado nos deparamos com uma panóplia de termos, conceitos, ideias, designações que tanto parecem apontar para vertentes marcadamente diferentes, como, depois, desvanecem os limites que aparentemente os separavam. Além disso, os próprios estudiosos da matéria nem sempre parecem conseguir explicar de forma clara e consensual o que significa cada um deles, o que nos leva a uma muito desconfortável sensação de confusão. Assim, seguidamente, propomos uma organização e classificação da terminologia existente, apresentando uma breve explicação/ definição de cada conceito, começando, obviamente, por aquele que mais visibilidade e utilização apresenta no âmbito da recepção do antigo Egito: Egiptomania.

O conceito de Egiptomania

De acordo com Doyle (2016: 122), o conceito de “Egiptomania” remonta ao início do século XIX, entre os anos de 1808 e 1810. Moser (2015: 1279) associa o princípio da sua utilização efectiva ao egiptólogo francês Jean

⁴ Veja-se, por exemplo, Moser (2015: 1277-8). Apesar de um cada vez maior desenvolvimento do tema, Ebeling (2017:1-2) considera que falta ainda um estudo completo, organizado e sistematizado sobre a história da recepção do antigo Egito e Moser (2015: 1278) afirma que, tendo em conta a longevidade do fenómeno e as suas múltiplas facetas, existem ainda muitas áreas por explorar.

Leclant no artigo *En quête de l'Égyptomanie*, de 1969. Mesmo com a ambiguidade que muitos lhe apontam (Aufrère, 1997: 28), a visão mais simplista do conceito define-o como o fascínio, obsessão ou entusiasmo fantasista pela antiga civilização egípcia, cultura misteriosa e exótica, e a expressão mítica desse fascínio (Fritzer, 2016; Dobson, Tonks, 2018: 311; Fazzini, McKencher, 2001: 458; Moser, 2015: 1288)⁵. Uma perspectiva mais abrangente, vê-o como a adaptação ou emulação da estética, das formas e dos temas egípcios, um fenômeno que historicamente remonta às Épocas Grega, Ptolomaica e Romana⁶ (Lloyd, 2010; Fritze, 2016; Jarsaillon, 2018: 359; Lupton, 2013: 2340).

Seja pelo contexto de uma concepção de fascínio universal pelo Egito ou mesmo de paixão/ amor pelas coisas egípcias, seja pelo âmbito de um comportamento compulsivo e obsessivo, quase paranóico, pelos objectos e valores do passado faraônico, a Egiptomania apresenta-se como um conceito ambivalente, de cargas simultaneamente positivas e negativas, dependendo, por vezes, do estudioso e até das tradições de Egiptomania a valência que mais faz realçar na sua narrativa de apropriação histórica.

Na bibliografia da especialidade, o nome de Jean-Marcel Humbert é incontornável quando se estuda o fenômeno da Egiptomania, nomeadamente com o seu trabalho pioneiro e fundacional de 1989, *L'Égyptomanie dans l'art occidental*⁷. Para Moser (2015: 1277), foi este autor que mais explicitamente definiu e aplicou o conceito. Para Rice e MacDonald (2009: 11), “[ele] atribui um estatuto respeitável à

⁵ A obsessão pelo antigo Egito, pelas suas realizações culturais ou pelos seus emblemáticos monumentos (pirâmides, esfinges, obeliscos), levada ao extremo, de forma irracional, pode considerar-se uma forma de doença mental, levando mesmo alguns autores a classificarem de “Egiptopatas” aqueles que demonstram esse apreço doentio pelos antigos Egípcios e suas realizações (Fritze, 2016: 10). Neste contexto, podem aqui incluir-se os piramidólogos ou, com mais exactidão, piramidólatras, aqueles que, sem base científica, com um toque esotérico e transcendental, especulam sobre os poderes das pirâmides com teses sensacionalistas e imprecisas.

⁶ Para uma diacronia da Egiptomania, ver Fazzini e McKercher (2001: 458-65) e Moser (2015: 1281-86).

⁷ Entre as obras e autores onde e com quem o fenômeno da Egiptomania ganhou estatuto, merecem destaque Erik Iversen, *The myth of Egypt and its Hieroglyphs in European Tradition* (1961), Jurgis Baltrusaitis, *La quête d'Isis. Introduction à l'Égyptomanie. Essai sur la légende d'un mythe* (1967), Richard Carrot (*The Egyptian Revival: its sources, monuments and meaning 1808-1858* (1978) e James Stephen Curl, *The Egyptian Revival. An introductory study of a recurring theme in the History of Taste* (1982), *Egyptomania. The Egyptian Revival: ancient Egypt as the inspiration for design motifs in the West* (2005). Sobre outros autores e seus contributos, ver Moser, 2015: 1278 e 2014: 243, 244.

‘Egiptomania’, despojando-a das suas aplicações muitas vezes pejorativas⁸, que tendem a enfatizar os elementos maníacos, e não os egípcios.”

Sobre Egiptomania, o próprio Humbert (1989: 10) define-o de uma forma bastante ampla: “Este conceito abrange toda a reutilização de elementos e temas decorativos recolhidos do antigo Egito, em várias formas e objetos, sem nenhuma relação com o uso e a finalidade original.” Para ele, Egiptomania não se reduz a um mero copiar da arte egípcia, mas sim a um usar, recriar, re-adaptar, expressar símbolos, ideias e conceitos egípcios através de formas que podem não ter qualquer ligação com o original egípcio (Humbert, 1989: 12). E afirma, de forma peremptória: “A Egiptomania está longe de ser apenas a mania do Egito.” De facto, a Egiptomania implica uma reinterpretação do Egito antigo, com novos significados, no âmbito de diferentes contextos e sensibilidades, e é uma estrutura mental de aceitação e reconstrução, mais ou menos criativa, do passado egípcio.

Na sua análise do tema, o Autor privilegia os aspectos visuais nos quais inclui a arquitectura, a decoração de interiores e exteriores, a escultura, a iconografia, a pintura, o mobiliário, a joalharia, a música, o drama, os espectáculos cénicos (ópera) e cinematográficos, a banda desenhada, a moda e a publicidade (Humbert, 1989: 14-6). Como Humbert afirma de forma conclusiva: “Porque todas as manifestações da Egiptomania, quaisquer que sejam os componentes, fazem parte de um fundo comum.” (Humbert, 1989: 14).

Porém, a perspectiva de Humbert, embora comumente aceite, não é isenta de críticas. Moser (2015: 1280), a título de exemplo, considera errada a exclusão das cópias, pois admite que uma cópia pode ter um propósito diferente do original e recusa igualmente a exclusão das exposições de

⁸ Whitehouse (1997: 158) refere estes usos pejorativos falando de um termo deslegante e com uma conotação de loucura pelo Egito. Esta visão sobre a Egiptomania é, certamente, uma das justificações para a forte tensão existente, desde o início, entre Egiptomania e Egiptologia, isto é, uma postura de oposição entre a disciplina académica, a perspectiva científica, e um fenómeno associado à cultura popular e visto como menor (Dobson e Tonks, 2018: 311; Jarsaillon, 2018: 359; Versluys, 2018: 163). No entanto, este antagonismo é actualmente bastante minorizado: “Egiptomania e Egiptologia não são fenómenos opostos, mas sim duas maneiras diferentes, ainda que interajam, de promover o antigo Egito.” (Dobson e Tonks, 2018: 311; Jarsaillon, 2018: 360). No limite, isto significa que a Egiptologia, o discurso académico, deve admitir no seu seio, nas suas problematizações, os contributos e as reflexões oriundas de outras manifestações culturais, de outros olhares sobre o Egito antigo e, em vez de as separar, rejeitar ou menosprezar, integrá-las no discurso científico.

antiguidades egípcias, visto que aceita que também elas podem produzir novos significados e novas interpretações. Venit (2002: 261), por seu turno, critica a divisão que Humbert faz das respostas do Ocidente ao antigo Egito. Humbert (1989: 11) acredita ser essencial perceber as diferenças entre Egiptomania, Egiptofilia e Orientalismo/Exotismo. Para Venit (2002: 261-2), esta divisão é muito menos efectiva do que Humbert pretende e para ela essas expressões cabem também na designação de Egiptomania: “Eu entendo Egiptomania simplesmente como o uso⁹ da antiguidade egípcia, seja por replicação, apreciação ou adaptação, uma vez que, em todos os casos, o agente que usa o Egito está longe de ser cultural ou temporal (ou ambos) afastado do Egito que está a usar.” Ou seja, Venit entende o conceito de Egiptomania de forma bastante mais abrangente. Aliás, esta ideia de abrangência é igualmente bastante valorizada por Moser (2015: 1281): “Embora Egiptomania seja uma palavra pejorativa que evoca uma sensação desproporcional e irrestrita de paixão pelo Egito antigo, é, no entanto, o termo mais abrangente que temos para a recepção do Egito antigo.”

Esta abrangência da Egiptomania é, no entanto, uma perspectiva relativamente recente, pois, o fenómeno era principalmente associado a manifestações artísticas (arte, arquitectura, artes decorativas, etc.). Contudo, de acordo com Moser (2014: 244-5), a Egiptomania acabou por evoluir para um termo capaz de englobar a influência egípcia não apenas na imaginação cultural e nas diversas expressões artísticas, mas também nas mais diferentes expressões de formação de ideias sobre o antigo Egito, salientado-se, por exemplo, o cinema¹⁰.

Em suma, a Egiptomania, como fenómeno popular e movimento cíclico, remonta à Antiguidade Clássica¹¹ e embora com diferentes momentos ou fases de ilusão e de apogeu – como no período renascentista, a seguir ao regresso da expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito (1798-1801) e da publicação da *Description de l'Égypte* (1809-1829), com a descoberta das Pedra de Roseta, a abertura do Canal de Suez, em 1869, e depois da

⁹ Expressões como ‘uso’ ou ‘consumo’ do antigo Egito surgem também amiúde no contexto de estudos da recepção desta civilização (Venit, 2002: 262; Stienne, 2017: 18-26; Lloyd, 2010: 1067; Rice, MacDonald, 2003).

¹⁰ De notar que Humbert (1989: 14) já incluía também o cinema como expressão de Egiptomania.

¹¹ Num certo sentido, Heródoto, o “pai da História”, pode também ser considerado o “pai da Egiptomania”, tal o interesse e o entusiasmo com que relatou os mistérios, as maravilhas e as excentricidades dos usos e costumes dos antigos Egípcios (Holt, 1986: 60).

descoberta do túmulo de Tutankhamon¹² –, esteve sempre presente na cultura ocidental (Lupton, 2013: 2340; Dobson, Tonks, 2018: 311, 312; Moser, 2015: 1288, 1289), por vezes apresentada simplesmente como a designação conceptual para uma visão imaginária, romântica, onírica, para um fascínio, ou até uma mania, pelo antigo Egipto, sendo mais comumente aceite como o conjunto das diferentes apropriações, adopções ou adaptações do Egipto ao longo do tempo.

A Egiptomania é um dos múltiplos avatares do Orientalismo que fez o seu caminho em função dos interesses do momento (Aufrère, 1997: 30) e, ao contrário do que se poderia supor, não desapareceu com o aparecimento da Egiptologia (decifração dos hieróglifos, em 1822), antes pelo contrário, conheceu um recrudescimento com a sua fundação¹³. Mas mesmo esta noção mais abrangente, que aceita que todas as diferentes expressões cabem nesta designação, não é consensual ou, pelo menos, não exclui o recurso a outras terminologias.

Os conceitos de Egiptofilia e de Renascimento Egípcio

É comum encontrarmos também, neste contexto, o uso de outras expressões sinónimas ou alternativas, expurgadas, porém, do elemento de composição -‘mania’, pelo seu potencial derogatório, como Egiptofilia, Egiptolatria, Renascimento Egípcio, Estilo Egípcio, Gosto Egípcio, Estilo Nilo, Neo-Egípcio, Faraonismo, Egiptosofia, *Aegyptiaca*, etc. (Moser, 2015: 1279; Fritzer, 2016: 10; Humbert. 1989: 10). Se as duas primeiras são relativamente comuns, os outros têm ocorrências ocasionais (por exemplo, relacionadas com as obras artísticas, a arquitectura e a decoração de interiores que usam motivos egípcios ou egipcianizantes, ou com a

¹² Veja-se, por exemplo, Fryxell (2017: 516-42). Para Sydney Aufrère (1997: 28), estes momentos esporádicos deviam, antes, ser definidos como “vagas de egiptomanismo”, uma necessidade de desenvolver tendências egiptomaníacas, de duração e de importância variável, embora de aparente propensão cíclica.

¹³ Sobre os “pontos de encontro” entre a Egiptologia e a Egiptomania, duas diferentes formas de promoção do Egipto antigo, ver Jarsaillon, 2018: 359, 360. Como este autor afirma, Egiptologia e Egiptomania não são fenómenos opostos, em termos cronológicos e académicos, nem mutuamente excluídos. As suas influências são recíprocas, bilaterais, e as linhas que as separam muito ténues (nos métodos, nos agentes e nas finalidades). A tensão entre elas não deve ser encarada de forma pejorativa ou fantasista. Antes, deve reconhecer-se que a Egiptomania fornece o pano de fundo que incentiva a afirmação e o reconhecimento da Egiptologia como ciência histórica e que esta, por sua vez, inspira e motiva as produções egiptomaníacas – relação de mútua emulação (Jarsaillon, 2018: 360).

sabedoria egípcia como fonte para as tradições místicas e herméticas) e são referidos aqui apenas com o intuito de evidenciar a diversidade terminológica existente.

Em termos práticos, é bastante complicado delinear de forma clara como é que a Egiptofilia e o Renascimento Egípcio se diferenciam da Egiptomania. A Egiptofilia é habitualmente apresentada como um intenso apreço, fascínio ou gosto pelo Egito e por tudo o que é egípcio (Jarsaillon, 2018: 359; Lupton, 2013: 2340, Humbert, 1989: 11), o que, ao contrário de Egiptomania, não se expressará, necessariamente, por um 'uso' do antigo Egito, contudo, tem em comum a ideia de fascínio. Humbert (1989: 11; nota 1) remete para o artigo de Leclant (1985) como a melhor forma de perceber a diferença entre Egiptofilia e Egiptomania, contudo, o percurso estabelecido por Leclant da Egiptofilia à Egiptologia não é claro e percebemos apenas que este entende, por exemplo, a colecção/exposição de vestígios egípcios ou as obras publicadas por viajantes como demonstrações de Egiptofilia que acabaram também por contribuir para o desenvolvimento da vertente científica, do estudo cientificamente conduzido do passado egípcio de acordo com metodologias identificadas com o paradigma de conhecimento secular-racionalista, isto é, da Egiptologia (Bednarski, 2010: 1087, 1088; Meltzer, 2001: 448). Assmann (1998: 18-9) considera que o conceito é essencialmente aplicável ao Período Renascentista, mas não explora a questão de forma a ser possível perceber a diferença entre Egiptofilia e Egiptomania.

No nosso entendimento, a diferença essencial reside no facto de a Egiptomania ser a designação para existências concretas, elementos das mais diversas naturezas que são, de alguma forma, inspirados pelo antigo Egito, enquanto que a Egiptofilia é um gosto e um apreço, abstracto, teórico, pelo Egito e pelo que é egípcio que não terá, necessariamente, expressões de adaptação, preferindo-se sempre o original (o próprio sufixo da palavra '-filia' dá-nos a noção de afeição, gosto ou preferência).

A noção "Renascimento Egípcio", que Moser (2015: 1281) considera que, em aparência, seria a melhor para substituir o termo Egiptomania por não padecer da mesma conotação pejorativa que durante muito tempo se associou a esta última, parece cobrir exactamente as mesmas manifestações de 'uso' do antigo Egito. No entanto, a sua aplicação é, ainda mais do que a de Egiptomania, muito limitada às expressões artísticas, isto é, Renascimento Egípcio é, acima de tudo, um termo muito conotado com a história de arte, entendido enquanto um movimento artístico com expressão na arte e na arquitectura (Curl, 2005), o que, por inerência,

deixaria de fora todas as outras manifestações de influência egípcia ou expressões de interesse pelo antigo Egito.

Os conceitos de Tutmania, Mumiamania e Amarnamania

Nesta análise da múltipla terminologia usada no domínio da Recepção do antigo Egito, interessa também referir expressões que são geralmente entendidas como sub-gêneros da Egiptomania: Tutmania, Mumiamania e Amarnamania (Day, 2006: 3; Lupton, 2009: 23).

A Tutmania expressa todo o fascínio e admiração que se desenvolveu em torno do faraó Tutankhamon após a descoberta do seu túmulo, por Howard Carter e Lord Carnarvon, a 4 de Novembro de 1922. Embora tudo em torno do faraó, do seu túmulo e tesouros tenha sido digno de grande interesse, foi a ‘maldição ou vingança da múmia’, particularmente desenvolvida após a morte de Carnarvon a 5 de Abril de 1923, verdadeiramente causada pela picada de mosquito que lhe provocou uma septicémia, que mais motivou o desenvolvimento do entusiasmo e fascínio por esta figura do antigo Egito e a sua autêntica veneração por fans provenientes de todos os quadrantes geográficos¹⁴ (Lupton, 2009: 23; Day, 2006: 3; Holt, 1986: 62).

¹⁴ Veja-se, a título de exemplo de uma das manifestações da Tutmania, o artigo de Forman (1978) que ilustra a sua presença no mundo da moda.



Figura 1: Representação alegórica do interesse em torno do faraó Tutankhamon (Holt, 1986: 61).

As múmias são um tópico do fascínio gerado pelo Egito antigo, desde o século XVIII até à actualidade, onde, por vezes, se mesclam a curiosidade mórbida e a científica e o apelo dos talismãs, amuletos e efeitos miraculosos, com dignas representações em gabinetes de colecionadores públicos e privados, da Europa e das Américas, e, em consequência, um testemunho do interesse pela história das civilizações antigas, pela reinterpretação e reinvenção do Egito no Ocidente.

De acordo com Lupton (2009: 23), decorre da Tutmania o desenvolvimento do obsessivo e ardente interesse popular pelas múmias egípcias, a Mumiamania (Day, 2006: 1)¹⁵, e destaca, como exemplo, o filme *A múmia*

¹⁵ Baber (2016) considera que este interesse pelas múmias egípcias é bastante mais antigo e está associado à descoberta desta civilização, por exemplo, por parte de viajantes europeus do século XIX, alguns intrépidos “caçadores de múmias”. Destaca, entre as produções suscitadas pela obsessão popular pelas múmias, as obras literárias que exploram os temas da morte, da imortalidade e da ressurreição (ex. *Romance da Múmia*, de Théophile Gautier, de 1858), bem como o apreço pelos sarcófagos e outros materiais das múmias (amuletos, chauabtis, escaravelhos, joalheria). A autora alude ainda, como índices estimáveis da Mumiamania, ao comércio de múmias verdadeiras, na íntegra ou em partes, de “faraós”, “príncipes”, “comandantes militares” e “sacerdotes”, retiradas de túmulos e poços de múmias, praticado por negociantes de antiguidades de Luxor e do Cairo, à manufactura e venda de múmias falsas como *souvenirs* turísticos de viagens ao Egito e às festas, supostamente científicas, de desenrolamento de múmias, por vezes para grandes audiências, em espéctáculos de íntimo contacto com antigos corpos preservados. Ver também Moser, 2015: 1286, 1287; 2004: 246, 247.

(Figura 2), de 1932 (Lupton, 2009: 23)¹⁶. Cronologicamente, o cinema (ficcional ou documental) e o audiovisual (recursos educativos multimédia e jogos de computador) são os últimos testemunhos da atracção de vastas audiências pelas múmias egípcias, intercalando-se na digressão no tempo as competições entre os cônsules europeus pelo acesso e posse das múmias e as grandes exposições em salas destacadas dos museus europeus que as antecederam.

O poderoso impacto, facilmente identificado e reconhecível, da própria iconografia egípcia combina-se de forma perfeita com o uso da imagem em movimento, do som e dos ambientes visualmente recriados das expressões audiovisuais, a que modernamente se acrescenta, sobretudo através dos videojogos de utilização em massa, a interactividade que coloca o jogador/ o Homem do presente como participante directo em cenas e acções do passado (Moser, 2008: 1071). A acção inerente aos jogos confere uma dimensão de “realidade” que supera a dimensão imaginativa associada a outras formas de representação do passado (exposições, literatura, documentários, filmes).

Já a Amarnamania é o fascínio excitado e emotivo pela controversa figura do faraó Akhenaton e pela arte, arquitectura, religião e expressões culturais do seu tempo (Fritzer, 2016: 10). Os aspectos de ruptura, nomeadamente

¹⁶ O filme *A Múmia* de 1932, de Karl Freund e protagonizado Boris Karloff, é considerado definidor e fundador no que respeita aos filmes sobre esta temática. Não foi, no entanto, o primeiro. O cinema, desde cedo, demonstrou interesse pelas múmias egípcias. Pelos menos 26 filmes (americanos, ingleses e franceses), foram realizados desde 1901, sendo o primeiro *The Haunted Curiosity Shop* (Reino Unido, 1901, direcção de Walter R. Booth). Ao filme de Freund seguiram-se muitos outros, a preto e branco ou a cores, mudos ou com som, realizados em diversos países, e com diferentes enfoques, num interesse que perdura até hoje. Destacamos, a título de exemplo: *The Vengeance of Egypt* (France, 1912); *The Magic Mummy* (USA, 1933, dir. John Foster e Vernon Stallings); *The Mummy's Hand* (USA, 1940, dir. Christy Cabanne); *The Mummy's Tomb* (USA, 1942, dir. Harold Young); *The Mummy's Ghost* (USA, 1944, dir. Reginald LeBorg); *The Mummy's Curse* (USA, 1944, dir. Leslie Goodwins); *Pharaoh's Curse* (USA, 1957, dir. Lee Sholem); *The Mummy* (Reino Unido, 1959, dir. Terence Fisher); *The Curse of the Mummy's Tomb* (USA, 1964, dir. Michael Carreras); *The Mummy's Shroud* (USA, 1967, dir. John Gilling); *The Mummy and the Curse of the Jackals* (USA, 1969, dir. Oliver Drake); *Dawn of the Mummy* (USA, 1981, dir. Frank Agrama); *Legend of the Mummy* (USA, 1998, dir. Jeffrey Obrow; quarta adaptação cinematográfica do romance de Bram Stoker, *The Jewel of Seven Stars*, também conhecida como *Bram Stoker's Legend of the Mummy*); *The Mummy* (USA, 1999, dir. Stephen Sommers, com Brendan Fraser e Rachel Weisz); *The Mummy Returns* (USA, 2001, dir. Stephen Sommers, com Brendan Fraser e Rachel Weisz); e *The Mummy* (USA, 2017, dir. Alex Kurtzman, com Tom Cruise). Para mais detalhes, e também sobre outros filmes, telefilmes, séries, etc., ver: <http://www.ancientegyptfilmsite.nl/>.

no campo espiritual-religioso, são sobre-estimados e o faraó “herético” é elevado a uma categoria luminosa e genial e as suas presumidas produções, como o *Grande hino a Aton*, a uma dimensão filosófica, mística e universal. Em resultado do surto monoteizante associado à sua proposta teológica é-lhe atribuída uma singularidade idealista normalmente exagerada e, por isso, pouco ponderada¹⁷. A *damnatio memoriae* a que foi posteriormente votado no Egito, devido ao trauma da experiência amarniana, faz crescer em muitos a simpatia desmedida pela sua figura, como se pretendessem agora reposicioná-lo na história do passado e compensá-lo pela “vingança” sobre ele exercida.

Da mesma forma, enaltecem-se os traços de naturalismo e realismo das manifestações artísticas do Período Amarniano como fruto de uma concepção inovadora, percursora e visionária. Em consequência, a visão idealizada sobre o reinado de Akhenaton tem servido de pano de fundo para romances e filmes históricos, cuja principal repercussão é justamente ampliar popularmente a sedução e o interesse sentimental quase doentio pelo faraó de Amarna.

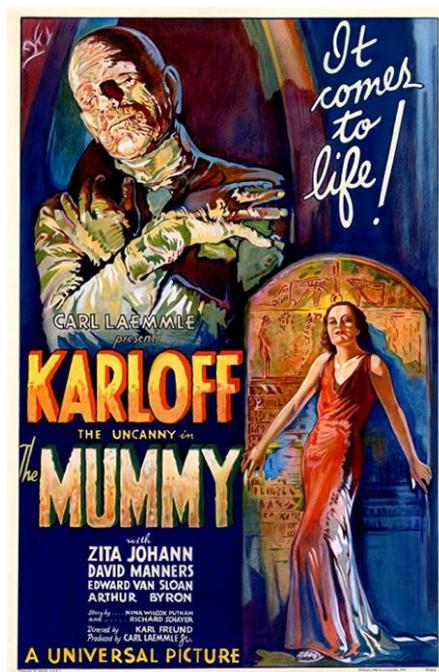


Figura 2: Cartaz do filme *A Múmia* (1932). (<https://www.imdb.com/title/tt0023245/mediaviewer/rm2286536960>).

¹⁷ Recorde-se que Akhenaton é considerado pela Ordem dos Rosa-Cruz como fundador da sua tradição (Metzer, 2001: 456).

Se é verdade que a Tutmania, a Mumiamania e a Amarnamania são tópicos derivados ou associados à Egiptomania, não é menos verdade que têm demonstrado um enorme impacto e poder de atracção sobretudo sobre as audiências não-académicas (“consumo popular”), moldando claramente, por vezes de maneira enviesada, é certo, a sua apreciação e compreensão do Egipto antigo, da sua cultura e das suas produções. Ainda assim, são importantes contribuições e expressões da existência e coexistência de múltiplas leituras e formas de apreensão do passado egípcio e devem, por isso, ser consideradas no âmbito da evolução dos estudos de Egiptomania, por um lado, e da própria Egiptologia, por outro. Não se pode escamotear, antes, pelo contrário, tem de se reconhecer, o seu efectivo poder de influência na formação de ideias e representações sobre o antigo Egipto.

O conceito metodológico de *mnemohistória*

Não se pode proceder à abordagem da recepção do antigo Egipto sem referir o contributo e o impulso de Jan Assmann para o desenvolvimento da sua história, incluindo não apenas a questão terminológica, mas também a vertente metodológica, pois, de acordo com Ebeling (2018: 5), com o desenvolvimento do conceito de “mnemohistória”, criado por Assmann, estabeleceu-se a base metodológica para uma boa parte das hodiernas investigações.

Na obra *Moses the Egyptian* (1998: 9), Jan Assmann aplica o conceito de “mnemohistória” – história da memória¹⁸ –, explicando que este “aplica-se não ao passado como tal, mas apenas ao passado como é lembrado.” O que, segundo o Autor, corresponde à teoria da recepção aplicada à História (Assmann, 1998: 9). Neste sentido, a “mnemohistória” pode ser considerada como um método para estudar o funcionamento da memória cultural, ou seja, o processo contínuo de moldar uma identidade, reconstruindo seu passado. Em muitas situações, mais importante do que o que efectivamente aconteceu em determinada conjuntura histórica ou a

¹⁸ Veja-se igualmente Assmann (2017). Não se trata da única obra de Jan Assmann onde se analisa a memória e a recepção do Egipto antigo. De facto, o mesmo pode ser detectado em *Weisheit und Mysterium: Das Bild der Griechen von Ägypten*, München: Beck, 2000; *Erinnertes Ägypten Pharaonische Motive in der europäischen Religions- und Geistesgeschichte*, Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2006; *Thomas Mann und Ägypten. Mythos und Monotheismus in den Josephsromanen*, München: Beck, 2006; *Religio duplex - Ägyptische Mysterien und europäische Aufklärung*, Berlin: Verlag der Weltreligionen, 2010.

respectiva sucessão de eventos é a forma e o que foi recordado, contado, registado, elaborado, codificado e canonizado. Os erros, as interpretações deficientes, as deturpações, as conclusões distorcidas constatadas pela aplicação desta metodologia são tão elucidativos quanto os “factos realmente ocorridos”, pois permitem detectar e perceber influências, orientações, sentidos e tendências na recepção e apropriação do passado.

Esta mudança de perspectiva (do passado “como realmente se passou” para a forma como é lembrado) é muito significativa, tanto em termos individuais como para a auto-imagem social e cultural que se retém e constrói, neste caso, do Egipto antigo. As propostas de Assmann comportam igualmente uma modificação da análise histórica, social, filosófica e teológica, no sentido de entender o significado que o discurso ocidental atribui à recepção do Egipto e da sua cultura.

No entanto, recusando a lógica de uma recepção passiva¹⁹, isto é, limitada apenas à transmissão do passado para o presente sem um papel activo deste e dos seus agentes, Assmann acaba por reconhecer (1998: 9): “(...) mas há muito mais envolvido na dinâmica da memória cultural do que aquilo que é coberto pela noção de recepção.” Em suma, a “mnemohistória” investiga e trabalha a história da memória cultural (Assmann, 1998:15).

Curiosamente, embora defenda e aplique uma nova abordagem metodológica ao seu modelo de trabalho sobre o antigo Egipto, mais concretamente à ‘recepção’ da figura de Moisés, a verdade é que Assmann é dos poucos autores que estabelece uma ordenação da terminologia em que percebemos que a recepção do antigo Egipto é, para ele, composta por “Egiptomania” ou “Egyptian Revival”, parecendo não fazer distinção entre os conceitos, associando-os a dois momentos essenciais da História: o Renascimento e a expedição de Napoleão ao Egipto (Assmann, 1998: 17-8).

Assmann defende uma consideração séria e não marginal da Egiptomania e vê-a como parte da “mnemohistória” do Egipto antigo. Para ele, só há verdadeiramente a possibilidade de se traçar uma distinção e uma separação entre Egiptologia (baseada em fontes primárias, acesso histórico ao passado) e a Egiptomania (baseada em fontes secundárias e na memória,

¹⁹ Esta discussão sobre a passividade na Recepção existe também na recepção literária dos Clássicos. Veja-se, por exemplo Martindale (2007:300).

acesso mnemohistórico ao passado) depois da decifração dos hieróglifos, por Champollion, em 1822 (Assmann, 2017b, 3).

Enquadramento teórico: conclusão

Em suma, a expressão Egiptomania, apesar de, por vezes, ser ainda mal interpretada como uma desproporcionada e mal direccionada paixão e fantasia pelo antigo Egipto e de aparentar estar demasiado limitada às manifestações artísticas, apresenta-se como o conceito com maior capacidade para condensar as diferentes facetas da recepção do antigo Egipto.

Ainda assim, duas questões merecem ser colocadas:

- a) Todas as manifestações de Egiptomania são recepção do antigo Egipto?
- b) Toda a recepção do antigo Egipto é Egiptomania?

As manifestações da recepção são entendidas enquanto formas de produzir conhecimento sobre, neste caso em concreto, o antigo Egipto²⁰ (Bednarski, 2010: 1108; Moser, 2015: 1267; 1274). Assim, tendo em conta esta lógica, consideramos que sim: todas as manifestações de Egiptomania são recepção do antigo Egipto, uma vez que todas elas fazem chegar esta civilização a diferentes audiências que, assim, a recebem e têm possibilidade de a conhecer e apreender. Mas a recepção do antigo Egipto pode ir além do que cabe sob a designação de Egiptomania.

Um estudo de caso: *Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922-1939)*

O Projecto de Investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922 – 1939)*, por nós iniciado em 2016, tem por objectivo identificar, reunir e analisar as notícias e reportagens publicadas pelos jornais e revistas portugueses sobre a descoberta e escavação do túmulo do

²⁰ Lloyd aponta também para o entendimento e conhecimento do Egipto enquanto expressões na Recepção, mas reforça com a ideia de “uso” desse conhecimento (2010: 1067).

faraó Tutankhamon (1336-1327 a.C.)²¹, no Vale dos Reis, em Luxor Ocidental, por Howard Carter (1874-1939) e pelo seu financiador, George Edward (1866-1923), vulgarmente conhecido como Lord Carnarvon. O Projecto tem como balizas cronológicas os anos de 1922 (ano da descoberta arqueológica) e 1939 (ano da morte de Howard Carter e da descoberta pelo arqueólogo francês Pierre Montet, de outros túmulos reais egípcios intactos, no Norte do Egipto, em Tânis, no Delta Oriental).

Sabíamos de antemão como, por força da extensa e continuada cobertura da imprensa internacional, sobretudo francesa e inglesa, haviam sido transmitidas de forma inusitada as peripécias da sensacional descoberta da manhã daquele Sábado 4 de Novembro de 1922 (uma escada de pedra com 15 degraus), a abertura oficial do túmulo na presença de Lord Carnarvon e de sua filha Lady Evelyn Herbert, a 29 de Novembro do mesmo ano, e os dez anos que se lhes sucederam de escavação das quatro pequenas salas, que trouxeram à luz do dia milhares de artefactos (mais de 5000), captando a atenção e a imaginação dos mais variados públicos. O nosso propósito era, agora, apurar o reflexo dessa descoberta e da abertura daquele túmulo nos periódicos portugueses.

O Corpus

Entre 1922 e 1939 estiveram em publicação, em Portugal, 79 jornais e revistas, de entre os quais foram identificados 28²² que publicaram diferentes tipologias de notícias – desde curtas e pouco desenvolvidas notícias de agência, até reportagens desenvolvidas e ilustradas²³ – sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon e aos diversos eventos a ela associados. No total, foram identificadas 234 notícias. Sendo que destas 117

²¹ 12º faraó da XVIII Dinastia – Império Novo (1550 – 1069 a.C.).

²² Jornais: *A Capital, A Época, A Imprensa Nova (Série I), A Pátria, A Tarde, A Tribuna, A Vanguarda, Correio da manhã, Diário da manhã, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, Jornal de Notícias, Novidades, O Comércio do Porto, O Comércio do Porto – Ed. da Tarde, O Dia, O Mundo, O Primeiro de Janeiro, O Radical, O Rebate, O Século, O Século – Ed. da noite, República (Série I) e República (Série II)*; Revistas: *ABC: Revista Portuguesa, Dyónisos, Ilustração Portuguesa* e *O Domingo Ilustrado*.

²³ O *corpus* é constituído por 143 notícias de agência; 38 textos originais(?) não assinados; 23 textos/imagens copiados/adaptados de publicações estrangeiras; 12 notícias copiadas de jornais portugueses; 8 artigos de cariz ‘científico’; 4 textos/ imagens originais assinadas; 4 artigos de opinião; e 2 artigos de curiosidades.

foram publicadas em 1923 e 94 em 1924, ou seja, 90% das notícias foram publicadas nos dois primeiros anos dos dezassete em análise²⁴.

Esta esmagadora preponderância é plenamente justificada pelo facto de estes dois anos serem aqueles com maior número de factos ocorridos em torno da descoberta: em 1923 tiveram lugar, entre outros, a abertura oficial do túmulo e a morte de Lord Carnarvon; em 1924 continuam os trabalhos no túmulo e destacam-se os problemas ocorridos entre Howard Carter e o governo egípcio em torno da continuação/funcionamento desses trabalhos de escavação.

Tão importante quanto as presenças são as ausências. E, por isso, devemos mencionar duas ausências: a primeira, em 1922, o ano da descoberta, em que temos apenas um texto (*O Século*, 03.12.1922); a segunda, em 1925, ano em que foi encontrada a peça mais icónica do túmulo: a máscara funerária do faraó (JE 60672). Neste ano, apenas nove notícias foram identificadas, nenhuma das quais, relacionada com a descoberta arqueológica mais importante ocorrida naquele ano, o que significa que nenhuma notícia foi publicada na imprensa portuguesa sobre essa descoberta ou que apresente uma imagem da famosa máscara fúnebre de Tutankhamon, que, seguramente, teriam alcançado junto do público português o mesmo sucesso que alcançou junto de outros leitores europeus.

As 234 notícias publicadas cobrem um vasto conjunto de temáticas, que organizámos por temas e subtemas (e, quando necessário, tópicos). Assim, o *corpus* está classificado em 12 temas e 33 sub-temas (tabela 1 - organizada por número de notícias) que permitem perceber mais facilmente quais foram os assuntos a que os jornais e revistas portugueses deram maior atenção.

Tema	Nº Notícias	Sub-temas	Nº Notícias
Abertura / Encerramento do túmulo	54	Abertura oficial do túmulo	24
		Abertura do sarcófago	15
		Manifestações contra os ingleses	3
		Abertura do túmulo aos turistas	7
		Encerramento do túmulo	4
		Reabertura do túmulo	1
Problemas entre Howard Carter e governo egípcio	49	Suspensão dos trabalhos/ Cancelamento de licença de Carter	23
		Suspensão de entradas e trabalhos no túmulo/ Processo contra Howard Carter	11

²⁴ O ano de 1939, o que encerra a nossa cronologia de pesquisa, aparece em terceiro lugar, ainda que com apenas 10 notícias, todas elas dedicadas ou à morte de Howard Carter (3 notícias) ou às novas descobertas que então ocorreram em Tânis, sob a supervisão de Pierre Montet (7 notícias).

		Novo acordo/ Continuação das escavações com Carter	7
		Questão nos tribunais	5
		Duelo	2
		Negociações falhadas	1
Morte/Transladação de Lord Carnarvon	43	Com maldição	26
		Sem maldição	17
Outras questões associadas	27	Outras descobertas	19
		Escárnio / Ironia	2
		A moda no antigo Egípto	1
		A rainha Nefertiti	1
		Estátua de Sesóstris III	1
		O culto dos animais	1
		A construção de pirâmides	1
		(Sem tópico)	1
Trabalhos no túmulo	25	Riquezas / Tesouros	16
		Transporte e exposição	4
		Com maldição	1
		Interesse dos jornalistas	1
		Mobiliário	1
		Sarcófagos	1
Maldição	9	Ameaça do faraó	3
		Maldição da filha do faraó	3
		Vítimas	3
Doença de Howard Carter	7	Com maldição	6
		Sem maldição	1
"Pequenos ensaios"	6	Sem tópico	4
		História do túmulo; Teoria sobre a ocupação do túmulo - Usurpação; Riquezas/tesouros	2
Doença de Lord Carnarvon	5	Sem maldição	5
Descoberta do túmulo	4	(Possíveis) contributos para o estudo do passado	3
		Autores	1
		Riquezas/Tesouros	1
Exposição de reprodução do túmulo (Wembley)	3	—	
Morte de Howard Carter	3	—	

Tabela 1: Temas e sub-temas das notícias.

Esta organização das notícias permitiu perceber que o tema (subdividido em vários sub-temas relacionados) com maior número de ocorrências é “Abertura/ Encerramento do túmulo” com 28 notícias publicadas em 1923, 24 em 1924 e 2 publicadas em 1925, estando presente em 21 das 28 publicações, sendo o tema mais abordado em 6 delas.

O segundo tema mais presente são os “Problemas entre Howard Carter e governo egípcio” com 48 publicadas em 1924 e uma publicada em 1925, em 16 das 28 publicações. Este tema compreende 6 subtemas. Estas notícias permitiram acompanhar, com algum detalhe, os problemas, os desentendimentos entre Howard Carter e o governo egípcio no início do

segundo ano de trabalho após a descoberta. O arqueólogo e as instituições desentenderam-se sobre a prossecução dos trabalhos depois da morte de Lord Carnarvon e Carter chegou mesmo a ser substituído por Pierre Lacau. No entanto, o problema foi ultrapassado e acabou por ser Carter, o descobridor, a conduzir os trabalhos até ao fim.

O terceiro tema mais tratado pelas notícias publicadas foi a “Morte/Transladação de Lord Carnarvon” com 41 notícias publicadas em 1923 e 2 em 1924, estando presente em 20 das 28 publicações. Este tema compreende apenas dois subtemas: com maldição e sem maldição. Ou seja, neste caso optou-se por perceber as situações em que a notícia informa sobre a morte de Lord Carnarvon e situações subsequentes, remetendo para a maldição que seria, supostamente, a causadora da sua morte, e os casos em que a notícia ignora esta perspectiva. No que respeita aos tópicos identificados, o subtema com maldição compreende situações que falam da cólera/ vingança do faraó, que evocam a magia negra, que culpam gases venenosos, que aludem aos “poderes misteriosos” e uma que apenas refere um besouro como agente da maldição. No subtema sem maldição há apenas dois casos com tópicos, um que fala da infecção e outro que refere um insecto.

Em suma, podemos afirmar que o *corpus* reunido das 234 notícias é vasto e diversificado quanto aos temas e sub-temas que contempla, e demonstra o interesse da imprensa portuguesa pela descoberta arqueológica e factos a ela associados e a forma como fez chegar esta manifestação do antigo Egipto aos seus leitores e ouvintes²⁵.

Os jornais enquanto uma manifestação e um agente activo da recepção do antigo Egipto em Portugal no início do século XX

Pelo acima exposto, fica claro que a imprensa portuguesa, principalmente nos anos de 1923 e 1924, acompanhou com interesse o que se passava no distante Vale dos Reis, no Egipto, informando com regularidade e detalhe os seus leitores sobre o que de mais interessante ia acontecendo.

Este posicionamento fez da imprensa portuguesa simultaneamente uma manifestação e um agente activo da recepção do antigo Egipto em Portugal, pois, por um lado, os jornais e revistas são, por si só, exemplos

²⁵ Marques (1980, 90) afirma “Em pequenas vilas e aldeias, era frequente ler-se o jornal em voz alta perante uma assistência heterogénea de povo, que ouvia e comentava.”

da forma como o antigo Egito era recebido, demonstrando, pelo que era escolhido para publicar, um olhar, um entendimento sobre esta civilização; por outro lado, os periódicos foram um agente activo da recepção, pois as suas notícias aproximavam o antigo Egito dos seus leitores, dando-lhes, assim, a possibilidade de o conhecerem, experienciarem e até adaptarem. Por outras palavras, os jornais e revistas são a manifestação de um determinado conhecimento do antigo Egito e gosto na sua transmissão, e, ao mesmo tempo, um agente de criação de atracção e fascínio nos seus leitores. Egíptofilia e Egíptomania conjugam-se aqui de forma pacífica.

A análise do nosso *corpus* permite-nos concluir que enquanto manifestação da recepção do antigo Egito, no contexto da divulgação da descoberta e escavação do túmulo de Tutankhamon, os periódicos portugueses focaram-se em três ideias principais:

- a) O conhecimento histórico e aprendizagem propiciados pela descoberta (Figura 3)
- b) O valor patrimonial e artístico da descoberta (Figura 4)
- c) A “maldição da múmia” ou a “vingança do faraó” ou “a vingança de Tutankhamon” (Figura 5)



Figura 3: *A Capital* (30.01.1923).



Figura 4: Ilustração Portuguesa (19.02.1924).



Figura 5: A Capital (11.02.1924); A Capital (05.04.1923); Diário de Notícias (07.04.1923).

A atenção que foi dada a estas questões revela uma perspectiva que olhava para as descobertas no antigo Egito como propiciadoras de conhecimento histórico, principalmente na sua relação com a história bíblica²⁶; valorizava

²⁶ A notícia do jornal *A Capital* (30.01.1923) afirma: “Mas já, graças as investigações feitas, se poderão preencher certas lacunas da historia do antigo Egito; vão permitir, notoriamente, julga-se que se fixe a data do exodo do povo de israel, Veem portanto corroborar duma maneira frisante, as narrativas do Pentateuco. Tudo leva a crêr que Tut-auh-Amon fosse aquele pharaó de que a Escritura diz que «não conhecera José» e que oprimiu os israelitas.”

o que era escavado não apenas pela sua riqueza material, mas principalmente pelo seu valor artístico e civilizacional²⁷; mas, simultaneamente, vê o antigo Egito como uma civilização de magia, mistério, superstições e maldições tão poderosas que eram capazes de atravessar milénios para castigar aqueles que, supostamente, perturbavam o descanso eterno do faraó. Ou seja, uma leitura atenta dos jornais e revistas portuguesas da época, demonstra que se houve, por um lado, uma capacidade para valorizar a História e a Arte da civilização do antigo Egito, por outro lado, os periódicos não resistiram à ideia da maldição da múmia e embarcaram eles próprios no fenómeno da ‘mumiamania’ que se seguiu à descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon.

A mumiamania não é, no entanto, o único exemplo de Egiptomania que podemos encontrar nos jornais e revistas portuguesas. Ainda que, de um modo geral, a análise dos periódicos os posicionem mais como exemplos de recepção do que de Egiptomania, a verdade é que eles não escaparam a este fenómeno. Veja-se, por exemplo, a notícia publicada pela revista *ABC - Revista Portuguesa* (05.04.1923) intitulada “Tutankamen e a moda do próximo Verão” (Figura 6), onde podemos ler: “O venerando Tutankamen, há quasi quatro mil anos enfaixado e encaixotado no profundo Vale dos Reis, tem direito incontestável, desde que lhe foram perturbar o prolongado sono, às homenagens da moda. Senhoras e senhores, o egipcianismo vai preponderar! [...] Assim, do fundo do seu túmulo milenário, Tutankamon, o simpático faraó que se deixou descobrir, governará e influenciará na vida contemporânea através da moda toda poderosa, no verão deste ano da graça de 1923.”

Este é um exemplo claro da ‘Tutmania’ emergente que referimos anteriormente e, neste caso, da sua aplicação a um fantasioso “mundo da moda”.

Ao publicarem notícias regulares, detalhadas e bastante apelativas, sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon, os periódicos portugueses aproximaram a distante – no tempo e no espaço – civilização do antigo Egito dos portugueses dos anos 20 e 30 do século XX, e posicionaram-se, assim, como agentes da recepção do antigo Egito.

²⁷ Uma notícia do *Diário de Lisboa* (08.02.1923) pode ler-se: “O que haverá ainda? Que novas surpresas estarão reservadas aos felizes investigadores? Que novas provas do antiquíssimo espírito da Arte, sempre moça e sempre bela, surgirão ainda, documentando a já existente e agora quasi desconhecida perfeição da obra humana?”

A percepção do que terá sido o impacto da dita descoberta e das notícias sobre ela publicadas pela imprensa é um trabalho que está ainda por fazer no domínio da recepção do antigo Egipto / Egiptomania em Portugal. No entanto, no decorrer da nossa investigação deparámo-nos com o que consideramos ser um exemplo incontornável do efeito deste fenómeno mediático: a publicação, em 1924, em Lisboa, do livro *A Profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon*, da autoria de Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques (1897-1962).

TUTANKAMEN E A MODA DO PROXIMO VERÃO

O provecho, dizendo «ninguém é profeta em sua terra», dá margem a que os intelectuais com especial competência para profetismos, à laçã, em terra albaia. Encolados nesta interpretação da sentença popular e considerando, a medida das noções parciais, que o moda é decretada em Paris e que Paris é filha de Egipto, apressam-se a vender alguns misteriosos apêndices das modas do futuro verão, profetizando sobre as estranhas tolas familiares e masculinas que nestas épocas relativamente próximas há-de revelar as formas das modas elegantes de ambos os sexos.

Nada de robes grecques para as senhoras, nem de chemises para os homens! Tudo isto deu a alma ao criador da insipidez, porque outrora levadas muito alta a liberdade, na hora grave da publicação dos primeiros figurinos.

A grande novidade da futura moda da verão será velha de 4000 anos. É Tutankamen, o consultado laraj os roscos descoberto em 1922, na vale de Lixkar, que o determina do modo do seu formato quadra vases silenciais.

Os grandes acontecimentos como as grandes figuras, sempre felizes de cômicas nas modas, prophecando-se na indumentaria uma homenagem que, não sendo total, os como a de marmore ou a de bronze, é todavia, mais eficaz pela espalhada raio de acção que atingem.

Embora, por exemplo, nunca seja suficientemente conhecido se um costureiro de génio não tem ligação e moda feminina dos egípcios. O príncipe de Tanga seria ele mesmo se um fabricante de tolas, igualmente genial, se não lembra de chamar «vingo» a uma cor misteriosa feita de sua invenção. E chega-se mesmo a dividir se os desfiles de Paris não teriam tomado uma outra direcção, se não tivesse havido, nos últimos tempos do antigo regime, chapins «Alonso Costas».

O veredicto Tutankamen, há quasi quatro mil anos esculpido e esculpido no profundo Vale dos Reis, tem direito incontestável, desde que lhe foram pertubar o prolongado sono, à homenagem da moda.

Senhoras e senhores, o egipcismo vai progredir!

Os robes Cleopatra e robes Níroci, nome de suave lareira que tinha «as faces do rosa», serão o grande e sensacional moda das pretas, como o frange à Susestris e o «palhinhas Hamut» há-de constituir, na quadra actual, melhor aspecto da elegância masculina.

O característico tocado das estirpes substituído os masculinos chapins de esmalte escuros feitos com dote «vinte» de fitas. Os sapatos de ponta e mole, que não a ruína das famílias e o perigo das sapateiras, cedendo às anáclises de cores talhadas no fundo cores de anilina e gacela.

Os plumes de estirpes exóticas não mais enfeitando a insipiente cabeça das mulheres, sendo substituído a luzido abutreira de gacela e lã. Em compensação se decreta de todos os materiais, estranhos, como motivo ornamental, a renega do óbit, e que agrade por arcaísmo.

Às outras portadoras será extensível a influência desta asa da graça de 1923.

«Entre marido e mulher não metas a colher». Instabilidade de casa de casamento, ou «casal vale só que está acompanhado» se o lolo tir de prazos solteiros, viera ou divorciada.

Alguns aspectos mínimos haverá que atender para lãmente se observar a moda egípcia que se aproxima. Não haverá mais redução de amonition desta forma no «Hólicia»: «Estrutura de fira, chegada aos puros da Itália, tal de costura e da informação» ou ainda «Estrutura de primeira linha, amável, vinda de Mealla, com uma meitina de tes amon...»

Osia, Zeis e Oita, a grande mistica de lãmente egípcia, praticada nos países de lãmente amonition de moda. O Tejo, prevendo o futuro, chama-se Nito e Lisboa adóptará o pseudónimo de Thabai. De Fluga até Cascais, os países «crucifixa empalhoça», a fim de que se possa dar aos locais um certo aspecto egípcio sem perigo para os banhistas. Alguns demorados mais puros lãmente, à hora do calor, à maneira de Cleopatra, substituído pelo governo, levantando o véo sobre a cabeça e por do sol, lançando o barcha de noite e até pela influência do rei Aljo passara a haver carne de vaca três dias por semana.

Flora, do fundo do seu tomado pilonado, Tutankamen, o sol pãtico laraj os se se deixam descobrir, governará e influenciará na vida contemporânea através da moda toda poderosa... verão desta asa da graça de 1923.

Figura 6: ABC - Revista Portuguesa (05.04.1923).

F. de Carvalho Henriques, como habitualmente assinava as suas obras, é um desconhecido escritor português que pouco tempo depois da descoberta e da abertura oficial do túmulo escreveu aquele que a nossa investigação revela ser a primeira obra mundialmente publicada inspirada pelo faraó Tutankhamon, com 150 páginas, 36 delas dedicadas especificamente ao Egipto antigo da época de Tutankhamon, sendo assim uma obra ímpar no panorama nacional português, mas também, pela sua precedência, no contexto internacional. Anterior ao livro português existe apenas um conto (4 páginas) de Agatha Christie, protagonizado por

Hercule Poirot, intitulado *The Grey Cells of M. Poirot: No. I. The Adventure of the Egyptian Tomb*, publicado a 26 de Setembro de 1923, na revista londrina *The Sketch*.

A ligação entre as notícias publicadas nos jornais e a criação da obra é estabelecida pelo próprio Autor. No capítulo IX, em pleno desenvolvimento da ficção subjacente ao romance, há uma passagem em que o personagem principal (o engenheiro José Miguel de Oliveira), desenha no seu estirador um novo tipo de alternador, quando recebe, pela manhã, das mãos de um empregado, “um maço de correspondência e de jornais”. Desdobrando um dos jornais e lendo, em diagonal, os títulos das diversas notícias, fixa a sua atenção nas duas colunas da “secção da última hora”, particularmente “no fim da segunda”, no texto publicado de um pequeno telegrama:

Londres. — Dizem do Cairo que no Vale dos Reis próximo do túmulo de Ramsés VI, foi descoberto o sepulcro dum rei da XVIII dinastia, supondo-se que seja o de Tut-Ank-Amon, genro do faraó Kuen-Aten.

Esta descoberta de grandíssimo valor arqueológico, pois que ao contrário do que até hoje tem acontecido, o sarcófago do rei parece não ter sido violado, foi devida a Mr. Howard Carter que sob os auspícios de Lord Carnarvon, desde 1906 procedia a metódicas escavações no Egipto.

Não temos forma de apurar se Carvalho Henriques “compôs” o texto do telegrama integrado no seu livro a partir da consulta de um autêntico telegrama publicado na imprensa portuguesa ou se “reproduziu” directamente um desses telegramas. No *corpus* por nós levantado de notícias publicadas na imprensa portuguesa há apenas uma notícia (publicada em *O Século*, de 3 de Dezembro de 1922, p. 3 – a única notícia de 1922 publicada pela imprensa portuguesa -, intitulada “*Antiga Tebas. Uma grande descoberta arqueológica*”) que pode ter sido lida pelo Autor ou em que ele se poderá ter inspirado para a menção que faz no seu livro.

O que nos parece interessante e substantivo realçar é o facto de o Autor demonstrar através desta passagem uma clara consciência e conhecimento da informação sobre a grande descoberta arqueológica do Vale dos Reis que circulava nos jornais portugueses da época e colocar estrategicamente, assim, através de uma notícia de jornal, no caso um telegrama proveniente de Londres, o protagonista do seu romance em contacto directo com Tutankhamon, faraó da XVIII dinastia, de que, como escreve, “Nunca

ouvira falar”, mas que era o faraó em moda, como o Carvalho Henriques bem sabia²⁸.

Conclusão

Desde a Antiguidade até aos nossos dias, os elementos materiais oriundos do Egípcio, espalhados um pouco por todo o lado (praças, espaços urbanos, museus públicos, colecções particulares, etc.), e a presença intelectual do Egípcio antigo transmitida de várias formas e por vários processos constituem um elemento central da cultura ocidental, onde se cruzam a história, a memória cultural e a cultura material.

Não surpreende, por isso, que a problemática da recepção do antigo Egípcio se institua em preocupação cimeira, tentando descortinar áreas, impactos, pontos de intersecção, momentos e personalidades e determinar o efectivo contributo de cada um para o contínuo ampliar de conhecimento geral sobre o Egípcio: “A recepção do antigo Egípcio (...) não é passiva nem derivada (de tradições de estudo), mas tem desempenhado um papel dianteiro na criação e conhecimento sobre a antiguidade egípcia” (Moser, 2015: 1264)

É, no entanto, mais correcto falar-se de recepções do Egípcio antigo do que de recepção do Egípcio antigo ou, pelo menos, considerar que quando se fala de recepção não se está a falar de um fenómeno uniforme e unificado, mas sim de uma plêiade caleidoscópica de formas de ver, apreender e conceber o Egípcio antigo. Muitas delas coexistentes. Neste sentido, o fenómeno cultural da recepção do Egípcio antigo integra e gera ideias díspares sobre a antiga civilização do vale do Nilo, todas elas produtos, construções e representações que ajudam a compreendê-la e, de certa forma, equivalentes e válidas, independentemente dos seus modos mais sofisticados, académicos ou esotéricos.

A importância relativa das recepções do Egípcio antigo deriva essencialmente da escala de questões e problemas que colocam e resolvem, do esquema teórico e/ou metodológico de produção ou não de conhecimento que encerram, da análise crítica que estabelecem e, dessa forma, do impacto que têm no entendimento do passado egípcio. As recepções do Egípcio antigo com a inerente carga de tradição que comportam são respostas culturais a esse passado.

²⁸ Para mais detalhes sobre o Autor e a Obra veja-se Sales & Mota (2019).

No âmbito do nosso Projecto de investigação centrado nos relatos da imprensa portuguesa (1922-1939) sobre a descoberta do túmulo de Tutankhamon podemos constatar que os periódicos portugueses ajudaram a criar um clima propício de Egiptofilia (intenso apreço, fascínio ou gosto pelo Egipto antigo e por tudo o que vinha do Egipto), Egiptomania (reinterpretação do Egipto antigo, com novos significados, no âmbito de diferentes contextos e sensibilidades, gerando ambientes de aceitação e reconstrução, mais ou menos criativa, do passado egípcio), Tutmania e Mumiamania, sustentado pela regularidade, quantidade, variedade e detalhe das informações que coligiram e difundiram e que atingiu, entre outros, Fernando de Carvalho Henriques e, através deste e do seu criativo romance, muitos outros leitores portugueses.

Mesmo quando os “conhecimentos históricos” veiculados não se conformam aos aspectos mais rigorosos e científicos, é convocada a memória histórica sobre o antigo Egipto e através dela estabelece-se um elo de comunicação eficaz com os leitores. Os jornais e revistas portuguesas do início do século XX e o romance de F. de Carvalho Henriques de 1924 são também, por isso, exemplos notáveis de mnemohistória. Tutankhamon foi visto e esteve, portanto, em Portugal nessa altura: não fisicamente, obviamente, mas através da recepção do Egipto antigo que estas fontes proporcionaram a milhões de leitores.

Referências bibliográficas

ASSMANN, J. *Moses the Egyptian. The memory of Egypt in western Monotheism*. Cambridge, London: Harvard University Press, 1998.

ASSMANN, J. Egyptian Mysteries and Secret Societies in the Age of Enlightenment. A ‘mnemo-historical’ study. *Aegyptiaca. Journal of the History of Reception of Ancient Egypt*. Nº1, 2017 a , p. 4-25.

ASSMANN, J. *Moosese eristus ehk monoteismi hind*. [Estonian edition of Jan Assmann’s “Die Mosaische Unterscheidung: oder der Preis des Monotheismus”] Tallinn: Tallinn University Press, 2017 b, pp. 211-236.

(Foi consultada a versão em inglês disponível em: https://www.academia.edu/34130404/Ancient_Egypt_monotheism_and_mnemohistory._Interview_with_Jan_Assmann)

AUFRÈRE, S. H. Égyptomanisme et Égyptomanie: une tradition ininterrompue du "mythe" égyptien. *Chronique d'Égypte*. Vol. 72, N°143, 1997, p.25-40.

BABER, T. Ancient corpses as curiosities: Mummymania in the age of early travel. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*. Vol. 8, 2016, p.60-93.

BEDNARSKI, A. The Reception of Egypt in Europe. In: LLOYD, A. (ed.) *A Companion to Ancient Egypt*. Vol. II. Malden, Oxford: Blackwell Publishing, 2010, p. 1086-1108.

BRIER, B. *Egyptomania: Our Three Thousand Year Obsession with the Land of the Pharaohs*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

BROCKLISS, W., CHAUDHUHI, P., LUSHKOV, A. H., WASDIN, K. (eds). *Reception and the Classics. An interdisciplinary approach to the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

COLLA, E. *Conflicted antiquities: Egyptology, Egyptomania, Egyptian Modernity*. Durham: Duke University Press, 2007.

CONIAM, M. *Egyptomania goes to the movies. From Archaeology to Popular Craze to Hollywood Fantasy*. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2017.

CURL, J.S. *The Egyptian Revival. Ancient Egypt as the Inspiration for Design Motifs in the West*. London, New York: Routledge, 2005.

DAY, J. *The Mummy's Curse. Mummymania in the English-speaking world*. London, New York: Routledge, 2006.

DOBSON, E., TONKS, N. Introduction: Ancient Egypt in Nineteenth-Century Culture. *Nineteenth-Century Contexts*. Vol.40, N° 4, 2018, p. 311-15.

DOYLE, N. The earliest known uses of "L'Égyptomanie"/"Egyptomania" in French and English. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*. Vol.8, 2016, p. 122-25.

EBELING, F. Editorial Note. *Aegyptiaca. Journal of the History of Reception of Ancient Egypt*. N°1, 2017, p.1-3.

EBELING, F. Editorial Note. Jan Assmann's Transformation of reception studies to cultural history. *Aegyptiaca. Journal of the History of Reception of Ancient Egypt*. N°3, 2018, p. 1-8.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 4, n. 2, 2019.2 p. 27-58
DOI: 10.34024/herodoto.2019.v4.10961

FAZZINI, R.A., MCKERCHER, M.E. Egyptomania. In: REDFORD, D.B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*. Vol.1. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 458-65.

FORMAN, M. Tutmania. *Dress, The Journal of the Costume Society of America*. Vol. 4:1, 1978, p. 7-16.

FRITZE, R.H. *Egyptomania: A History of Fascination, Obsession and Fantasy*. London: Reaktion Books, 2016.

FRYXELL, A. Tutankhamen, Egyptomania, and Temporal Enchantment in Interwar Britain. *Twentieth Century British History*. Vol.28, N° 4, 2017, p. 516-42.

HARDWICK, L. *Reception Studies. Greece & Rome. New Surveys in the Classics* n°33. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HARDWICK, L., STRAY, C. Introduction: Making Connections. In: HARDWICK, L., STRAY, C. (eds.). *A Companion to Classical Receptions*. Malden, MA, Oxford: Blackwell Publishing, 2008, p. 1-9.

HOLT, F.L. Egyptomania: Have We Cursed the Pharaohs? *Archaeology*. Vol. 39, N° 2, 1986, p. 60-3.

HUMBERT, J-M. *L'Égyptomanie dans l'art occidental*. Paris: Éd. ACR, 1989.

JARSAILLON, C. Modern Egyptomania and Early Egyptology: the Case of Mariette's 1867 Egyptian Temple. *Nineteenth-Century Contexts*. Vol.40, N° 4, 2018, p. 359-76.

JEFFREYS, D. Introduction - Two Hundred Years of Ancient Egypt: Modern History and Ancient Archaeology. In: JEFFREYS, D. *Views of Ancient Egypt since Napoleon Bonaparte: imperialism, colonialism and modern appropriations. Encounters with Ancient Egypt*. London: UCL Press, 2003, p. 1-18.

LANT, A. The Curse of Pharaohs, or How Howard Carter contracted Egyptomania. *October*, Vol. 59, 1992, p. 86-112.

LECLANT, J. De l'égyptophilie à l'égyptologie: érudits, voyageurs, collectionneurs et mécènes. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. 129^o année, N° 4, 1985, p. 630-47.

LLOYD, A.B., The Reception of Pharaonic Egypt in Classical Antiquity. In: LLOYD, A. (ed.) *A Companion to Ancient Egypt*. Vol. II. Malden, Oxford: Blackwell Publishing, 2010, p. 1067-85.

LUCKHURST, R., *The mummy's Curse: The True History of a Dark Fantasy*, Oxford: Oxford University Press, 2012.

LUPTON, C. Egyptomania, western. In: BAGNALL, R.S., BRODERSEN, K., CHAMPION, C.B., ERSKINE, A., HUEBNER, S.R. (eds.). *The Encyclopedia of Ancient History*. Blackwell Publishing, 2013, p. 2340-3.

LUPTON, C. 'Mummymania' for the masses - Is Egyptology cursed by the mummy's curse? In: RICE, M., MACDONALD, S. (eds.). *Consuming Ancient Egypt. Encounters with ancient Egypt*. Walnut Creek: Left Coast Press Inc., 2009, p. 23-46.

MARQUES, A. H. O. *A Primeira República Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MARTINDALE, Ch. Reception. In: HORNBLOWER, S., SPAWFORTH, A. (eds.). *The Oxford Classical Dictionary*. Third Edition. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 1294-5.

MARTINDALE, Ch. Reception. In: KALLENDORF, C. W. (ed.). *A Companion to the Classical Tradition*. Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, 2007, p. 297-311.

MELTZER, E. S. Egyptology. In: REDFORD, D.B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of ancient Egypt*. Vol.1. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 448-458.

MOSER, S. Archaeological Representation: the Consumption and Creation of the Past. In: GOSDEN, C.; CUNLIFFE, B.; JOYCE, R.A. (eds.). *The Oxford Handbook of Archaeology*, Oxford: Oxford University Press, 2008, p.1048-1077.

MOSER, S. Legacies of Engagement: The multiple manifestations of ancient Egypt in Public Discourse. In: CARRUTHERS, W. (ed.). *Histories of Egyptology. Interdisciplinary Measures*. London: Routledge, 2014, p. 242-52.

MOSER, S. Reconstructing Ancient Worlds: Reception Studies, Archaeological Representation and Interpretation of Ancient Egypt. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Vol. 22, n° 4, 2015, p. 1263-1308.

RICE, M., MACDONALD, S. Introduction - Tea with a Munny: the Consumer's View of Egypt's Immemorial Appeal. In: RICE, M., MACDONALD, S. (eds.). *Consuming Ancient Egypt. Encounters with ancient Egypt*. Walnut Creek: Left Coast Press Inc., 2009, p. 1-22.

SALES, J. C.; MOTA, S. "A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon" (1924) de Fernando de Carvalho Henriques. Ecos literários em Portugal da descoberta do túmulo de Tutankhamon. *Cadernos De Literatura Comparada*, nº 40, 2019, p. 287-320.

SQUIRE, M. Theories of Reception. In: MARCONI, C. (ed.). *The Oxford Handbook of Greek and Roman art and architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2015, 637-61.

STIENNE, A. *Encountering Egyptian Mummies, 1753-1858*. Thesis for the degree of Doctor of Philosophy, School of Museum Studies, University Leicester, 2017.

VARGAS, A. Z. Charles Martindale. A Recepção da Antiguidade e os estudos clássicos. In: SILVA, G. J., CARVALHO, A. G. (eds.). *Como se escreve a História da Antiguidade. Olhares sobre o antigo*. São Paulo, 2019, p. 750-73.

VENIT, M.S. Ancient Egyptomania: The Uses of Egypt in Graeco-Roman Alexandria. In: EHRENBERG, E. (ed.). *Leaving No Stones Unturned. Essays on the Ancient Near East and Egypt in Honor of Donald P. Hansen*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2002, p. 261-78.

VERSLUYS, M.J. "Une géographie intérieure": The Perpetual Presence of Egypt. *Aegyptiaca. Journal of the History of Reception of Ancient Egypt*. Nº3, 2018, p. 159-166.

WHITEHOUSE, H. Egyptomanias. *American Journal of Archaeology*. Vol. 101, No. 1, 1997, p. 158-61.